

Um tear de memórias. Gustavo Barroso e as escritas de si

Aline Montenegro Magalhães

Doutoranda em História do PPGHIS/UFRJ. Coordenadora do Centro de Referência do Museu Histórico Nacional

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é apresentar uma reflexão sobre a escrita autobiográfica produzida por Gustavo Barroso (1888-1959). Pretende-se analisar que identidade buscou construir para si e que imagem desejou legar para a posteridade, não apenas escrevendo para o grande público, mas também colecionando recortes de jornais sobre a sua trajetória pública e inserindo, entre estudos museológicos publicados nos *Anais do Museu Histórico Nacional* (publicação oficial da instituição que dirigiu por 35 anos), notícias de suas iniciativas individuais que deveriam ser lembradas.

PALAVRAS-CHAVE: escrita autobiográfica, trajetória pública, estudos museológicos.

ABSTRACT: The objective of this study is to present a reflection about the autobiographical writing produced by Gustavo Barroso (1888-1959). The aim is to analyze the identity he sought to build for himself and the image he wished to bequeath for posterity, not only through writing for the general public, but also through collecting clippings from newspapers about his public life and inserting news of his individual initiatives to be remembered among the museological studies published in the *Anais do Museu Histórico Nacional* (the official publication of the institution he directed for 35 years).

KEYWORDS: autobiographical writing, public life, museological studies.

Assim como a morte definitiva é o fruto último da vontade de esquecimento, assim a vontade de lembrança poderá perpetuar-nos a vida.¹

O desejo de sobreviver à própria morte, eternizando-se pelas obras e, sobretudo, pela lembrança, é uma das principais motivações de quem produz uma escrita de si. A escrita autobiográfica foi definida por Philippe Lejeune como “Récit retrospectif en prose qu’une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu’elle met l’accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité”.² Trata-se de uma prática estimulada por várias razões, entre as quais podemos destacar: a consciência de ruptura com um determinado passado, despertando saudade e nostalgia; o medo de se perder por alguma razão; o pavor de perder o controle sobre si, levando à construção de uma identidade; a proximidade da morte aliada à vontade de dar um sentido à própria trajetória; e a idéia de possuir uma história interessante para o conhecimento público.

Segundo Lejeune, escrever sobre si mesmo é uma atividade individual e social que não se restringe aos escritores profissionais³, pode se apresentar na forma de livros de memórias, arquivos pessoais – cartas, cartões postais, fotografias, recortes de jornais etc. – ou em coleções de objetos. Ao ter em comum o caráter auto-referencial de seu autor, constituem formas de deixar para a posteridade algo de si e sobre si.

Embora a escrita auto-referencial seja realizada desde o século XVIII, “quando indivíduos ‘comuns’ passaram a produzir, deliberadamente, uma memória de si”,⁴ é no século XIX que atinge seu apogeu, “não por acaso o século da institucionalização dos museus e do aparecimento do que se denomina, em literatura, romance moderno”.⁵ Essa prática relaciona-se com a constituição do individualismo no mundo ocidental, tendo como espécie de “pai” Jean-Jacques Rousseau,⁶ que teria inaugurado o gênero com sua obra *Les Confessions*, escrita entre 1782 e 1789.

Ao longo do século XX e princípios do XXI, a escrita de si tem se desenvolvido e ampliado, baseada na idéia de que o indivíduo é singular e possuidor de uma identidade própria que o diferencia, em sua dimensão única e autônoma, no todo coletivo⁷. Trata-se de uma cultura da intimidade na qual autobiografias, diários e arquivos de correspondência são largamente produzidos. Na contemporaneidade, as formas de culto à individualidade e à vida privada tem se configurado na proliferação de *blogs*, sítios de relacionamentos como o *Orkut* e álbuns fotográficos digitais, disponibilizados na Rede Mundial de Computadores (Internet). Ou seja, é perceptível que

o avanço da tecnologia tem potencializado e diversificado os suportes de produção das narrativas do eu. No Brasil, por exemplo, temos o Museu da Pessoa, que inteiramente virtual, preserva uma grande coleção de relatos de vida e é “aberto à participação gratuita de toda pessoa que queira compartilhar sua história.”⁸

Nessa perspectiva, nosso propósito aqui é refletir sobre as narrativas de si construídas por Gustavo Barroso (Fortaleza, 29/12/1888 – Rio de Janeiro, 03/12/1959)⁹ entre 1910 e 1959. Objetiva-se caracterizar os suportes de memória utilizados, os temas selecionados, a forma com que foram explorados e, assim, relacioná-los com o momento vivido por Barroso quando se dedicava a essas iniciativas. Pois, segundo Lilian Maria de Lacerda, “cada escritor, ao recriar e reinventar seu passado, estaria (...) movido pela realidade de seu entorno e pela própria realidade social, cultural, pessoal, familiar e profissional em que viveu, na qual se insere e à qual está exposta cotidianamente”.¹⁰ Um estudo sobre o que foi lembrado e o que foi esquecido; assim como a estruturação das narrativas muito poderão contribuir para a compreensão de como esse intelectual cearense se posicionava em relação ao seu tempo, suas escolhas e sua vivência. Quais teriam sido as suas motivações? Que imagem pretendeu construir para si? O que privilegiou e o que ocultou em seus escritos?

PRIMEIRAS REMINISCÊNCIAS

Segundo nos parece, Gustavo Barroso iniciou uma escrita autobiográfica aos 22 anos de idade, quando deixou Fortaleza (CE) para cursar a faculdade de Ciências Jurídicas no Rio de Janeiro e tentar projeção no cenário das letras da então capital do país. Uma das suas primeiras contribuições para a imprensa fluminense foi a crônica “Aos doze anos (reminiscências)”, publicada no *Jornal do Brasil* de 23 de outubro de 1910. Nela Barroso relatou que ao ingressar no Liceu do Ceará, foi recebido com trotes, sendo que os mais violentos foram dados pelos veteranos Gilberto Lopes e Luís de Paula Lima. Injuriado com a “judiação” desses dois, Barroso conta que armou uma vingança com o apoio de outros colegas da escola, e que esta se efetivou em uma noite de São João, quando teriam postos os veteranos para correr, debaixo de estouros e fagulhas de buscapés juninos.

Antes de relatar a peripécia do menino de doze anos, Barroso faz uma descrição do perfil que possuía na época, o que, de certa forma, justificava suas ações:

Quando eu era um rapazinho – em verdade vos confesso, leitores – era estroina e endemoniado (...) Chefiava seis ou oito garotos da minha laia, destemidos como o diabo, e andava orgulhoso e provocante, de botinas cambadas, chapéu de uma banda, cigarro na boca, chibata de ‘pequia’ em punho.(...) Fui cínico! Fui manhoso! Fui vadio! Fui perverso! Fui medonho! (...)Eu era e ainda sou rancoroso.¹¹

Em seguida, relata seus gostos e sonhos de infância, fazendo um paralelo com sua vida adulta:

Eu vivia na praia (...) e todas as noites, passava a sonhar com a praia! Julguei até e até me asseguravam que eu havia de acabar oficial de marinha. A minha fantasia perdeu-se nessa miragem: vivi a ver-me no futuro, agalado, sobre casaca escura ao vento solta, cabelos por ele fustigados, no passadiço estreito de um cruzador de guerra, berrando ordens à marinagem (...) e na orilha longínqua do horizonte as esquadras inimigas fugiam, com as bandeiras de popa, convulsionadas, esbofeteadas pelo vento da derrota!... (...) Os anos se passaram e eu tornei-me um pacífico estudante de letras jurídicas e abstrusas filosofias.¹²

Ao publicar suas recordações de criança em um jornal de vasta circulação, Barroso dialoga com o leitor em tom de confissão. Relata seus ‘pecados’ infantis procurando mostrar, em uma curta trajetória de vida, uma grande transformação: do menino endiabrado ao pacífico estudante de direito. Há nesse diálogo uma intenção utilitária de ensinamento moral¹³, pois, o narrador, mais do que lembrar suas traquinagens, indica um caminho para um futuro promissor, no que, certamente apostava quando escrevia.

Mas o que levava um jovem de 22 anos, cheio de olhares e projetos para o futuro, voltar-se para seu passado, acreditando tirar lições de tão curta experiência? Certamente, tratava-se da “sensação de ruptura irreversível do passado com o presente e o temor da perda de si mesmo”.¹⁴ Barroso deixava sua Fortaleza para viver em outra cidade, onde apostava seu futuro, seu sucesso. Vivia um momento de incertezas quanto ao que seria de sua vida dali por diante, abrindo brechas para a saudade, para o conforto das lembranças de um tempo distante, dos amigos, da família. Por outro lado, reforçava seus vínculos com a cidade natal, onde reconhecia suas raízes e sua identidade, valores que não poderiam se perder com as mudanças que se iniciariam com a transferência para a então Capital.

Nesse mesmo espírito da saudade da terra que deixara para trás – também presente em obras regionalistas de diversos intelectuais de sua

época, que migraram do Norte para Rio de Janeiro e São Paulo¹⁵ –, Barroso dedicou-se aos escritos sobre folclore, logo após sua chegada ao Rio. Seu primeiro livro, *Terra de sol*, publicado em 1912, foi dedicado à descrição do “meio, dos animais, do homem, da arte e da lenda”¹⁶ do Ceará. Parece que, diante da distância espacial e temporal de sua terra natal, escrever sobre ela era uma forma de manter-se em contato, resguardar e divulgar o lugar de suas origens, principalmente diante da idéia de que tudo isso viesse a acabar por causa do progresso. Além disso, tratava-se de temas que no “sul” despertavam muito interesse, especialmente após a repercussão de *Os Sertões* de Euclides da Cunha.¹⁷ Afinal, a realidade do nordeste estava sendo apropriada como marca da autêntica nacionalidade. Nesse sentido, Barroso apresenta o cenário cearense com toda a propriedade de quem nele viveu, imprimindo em sua obra um caráter autobiográfico, conforme análise feita por Afonsina Moreira:

Houve mesmo um desejo de *João do Norte*¹⁸ de ser identificado como um intelectual que não esqueceu o Ceará. (...) A sua bibliografia editada entre 1912 e 1932 e classificada na época de publicação de “estudos do folclore” e “sociologia sertaneja” foi marcada pelo estilo memorialístico, com contornos de auto-biografia.¹⁹

O caráter memorialístico e autobiográfico das obras folcloristas de Barroso, como *Terra de Sol*, consistia em atestar a veracidade do que estava descrevendo. Neste caso, o narrador não era mais o protagonista, mas sim testemunha da realidade que apresentava. É possível afirmar que a referência às suas memórias e à sua vivência, presente em sua narrativa é uma *marca forte de enunciação* para fazer seus leitores acreditarem no que estava relatando: eu vi, eu vivi, logo, eu escrevo o que realmente aconteceu.²⁰ Esse aspecto torna-se mais claro com as palavras que imprime na última página de *Terra de sol*, onde ressalta o caráter de verdade do que está narrando: “[Terra de sol] não é mais do que a narração verídica dos usos, dos costumes, dos sentimentos e das tradições do Ceará e suas zonas limítrofes, da Terra de Sol; que não é – e nem pretende ser mais do que o **depoimento de um nortista...**”²¹

E foi justamente por conta das marcas de enunciação do texto escrito por quem viveu, observou e narrou, que *Terra de sol* garantiu a Gustavo Barroso, um lugar no cenário intelectual nacional. José Veríssimo, em comentário publicado no jornal *O Imparcial* do dia 23 de outubro de 1913 – quando a segunda edição do livro chegava às livrarias – valoriza a obra barroseana pelo seu caráter testemunhal em relatar fielmente uma realidade:

De impressões, sensações, descrições, observações e relatos da natureza e dos costumes do Norte, com preferências ao seu *folk lore* e à psicologia das suas populações é o livro *Terra de Sol* do Sr. Gustavo Barroso, cuja segunda edição acaba de sair à luz. *Terra de Sol* chama com propriedade o autor ao seu Ceará, a região nortista que viu, observou e descreveu com inteligência e amor, de modo a nos comunicar a sua própria emoção dela. (...) No mais amplo sentido da palavra é ainda geográfica, e da melhor e mais racional, pois nos dá a **imagem fiel** da terra e do homem que a habita, que lhe sofre as reações e sobre ela reage.²²

Pelos elogios de José Veríssimo, percebe-se que Barroso conseguiu convencer seus leitores sobre a verdade do que descreveu. Entre as marcas de enunciação inseridas pelo autor na sua narrativa encontra-se não apenas sua experiência e suas memórias, mas também sua saudade, que em outros momentos motivará outras narrativas autoreferenciais. Diante da popularidade alcançada por sua obra, houve quem o denominasse o “continuador de Euclides da Cunha”²³, não só pela temática explorada e pela estruturação de seus capítulos que se aproximam da organização de *Os sertões*, mas, sobretudo, pelo caráter sociológico e testemunhal de seus escritos.

SAUDADE COMO TESTEMUNHA DA VERDADE

Neste livro [*Coração de menino*] somente conto a verdade. (...) Como a distância azula as serranias e as uniformiza, fazendo desaparecer anfractos e despenhadeiros, é possível que a saudade também azuleja homens e coisas na distância do tempo. Mas a saudade é a maior testemunha da verdade.²⁴

Com essas palavras, Gustavo Barroso apresenta o primeiro dos três volumes de suas memórias, *Coração de Menino*, publicado em 1939. *Liceu do Ceará* e *O Consulado da China*, segundo e terceiro volumes, foram lançados, respectivamente, em 1940 e 1941. A referência à saudade se apresenta como *marca de enunciação* de uma história de si verdadeira, onde mais nada deve ser acionado para comprovar o que o leitor terá nas páginas seguintes. Segundo essa premissa só se pode sentir saudade daquilo que realmente teria acontecido, logo, nada mais seria preciso dizer, apenas relatar o passado que desperta esse sentimento. Sobre a noção de verdade presente nas autobiografias, Ângela de Castro Gomes considera:

Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. (...) Na cultura desse tipo de sociedade é que a noção de verdade passa a ter um forte vínculo com as idéias de foro íntimo e de experiência de vida dos indivíduos, ambas marcantes para as definições de conhecimento e ética próprias ao individualismo. A verdade passa a incorporar um vínculo direto com a subjetividade/profundidade desse indivíduo, exprimindo-se na categoria sinceridade e ganhando, ela mesma, uma dimensão fragmentada e impossível de sofrer controles absolutos. A verdade, não mais unitária, mas sem prejuízo de solidez passa a ser pensada em sentido plural, como são plurais as vidas individuais e como é plural e diferenciada a memória que registra os acontecimentos da vida.²⁵

É nessa perspectiva que propomos a reflexão sobre as obras memorialistas em questão: não buscando atestar a veracidade do que está escrito, mas tentando compreender de que forma essas verdades são construídas e utilizadas na fabricação de uma imagem para seu autor e criam um sentido para sua trajetória. Nesse sentido, é fundamental pensar que ao escrever sobre o passado, Barroso está falando também sobre seu presente, afinal, segundo Lacerda, “o trabalho com as reminiscências é uma tarefa complexa. Nesse pacto autobiográfico nada é esquecido ou lembrado, o trabalho com a memória é uma recriação, no presente, do passado, ou uma reinvenção do passado pelo presente”.²⁶

Que momento Barroso estaria vivendo ao achar oportuno trazer a público suas vivências de infância? Vale lembrar que esse gênero literário consagrava-se em obras como a de Graça Aranha, *O meu próprio romance*²⁷, Rodrigo Otávio, *Minhas memórias dos outros*²⁸ e, principalmente de Humberto de Campos, *Memórias*²⁹, que até os dias de hoje é considerada a principal obra de sua bibliografia. Ou seja, ao escrever para o público, Barroso embarcava em um estilo que era bem aceito pelos leitores, haja vista o sucesso das obras memorialistas de outros intelectuais.

Formado em Direito, tinha uma carreira jornalística consolidada. Contava então com 84 obras de sua autoria, dedicadas a diversos assuntos como folclore, história e museologia. Em seu currículo constavam: um mandato de Deputado Federal pelo Partido Republicano Conservador do Ceará (1915 a 1918) e a participação em diversas instituições culturais do Brasil e do exterior, como Academia Brasileira de Letras – da qual foi presidente em 1931, 1932 e 1950 –, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro assim como a Academia de Ciências de Lisboa e Sociedade de História Argentina. Ingressou no Integralismo em 1932, assumindo papel de liderança

ao lado de Plínio Salgado e Miguel Reale e dirigia o Museu Histórico Nacional desde a sua criação, em 1922, cargo que ocupou até sua morte, em 1959, ficando afastado apenas entre 1930 e 1932, por questões políticas ligadas aos acontecimentos que levaram Getúlio Vargas à Presidência. Apesar de, aos nossos olhos, Barroso ter tido uma carreira bem sucedida como *homem de letras*, em vista do que projetou para sua vida não foi o suficiente para lhe trazer satisfação. Orgulhava-se sim, de seus sucessos, mas demonstrava frustrações em relação aos sonhos que não pôde realizar de alguma forma, conforme relata:

Curioso nome de pássaro. Mandarim! Enfim não precisei matar um Mandarim, como o personagem de Eça de Queiroz, para conquistar dignamente meu lugar ao sol. Porque, às vezes, para subir, os homens não se limitam somente a empurrar os outros, mas matam-nos mais do que se os matassem fisicamente, matando-os moralmente, espiritualmente. Graças a Deus, não carrego na minha consciência o peso de nenhum desses cadáveres. Os únicos cadáveres que andam comigo são os dos sonhos que não consegui realizar.³⁰

Barroso vivenciava o fracasso do movimento integralista, segundo suas palavras, “um sonho verde”, que não conseguiu realizar; e sofria com isso certa marginalização no meio político e intelectual nacional, principalmente por conta da sua postura anti-semita e simpatizante do nazismo alemão. Parece que esta decepção o levou a olhar para um tempo recuado de sua vida onde buscava as origens de sonhos não realizados – como o de ser oficial de marinha ou do exército –, de injustiças das quais se julgava vítima e de vocações que teriam marcado sua vida adulta – como o amor às antiguidades que o teria levado a idealizar e a dirigir um museu histórico, e o gosto pela história militar a qual se dedicou por muito tempo. Ao fazer uma leitura retrospectiva de sua vida, Barroso não escapa ao que Bourdieu classifica como “a ilusão biográfica”³¹, buscando encontrar uma linearidade e uma unicidade entre a sua infância e a idade adulta. Era o seu presente recriando o seu passado; o “eu narrador” imprimindo seu tempo com seus questionamentos no “eu personagem”. Nessa perspectiva, retirava-se da multiplicidade de papéis assumidos, da diversidade de suas ações e da fragmentação de suas vivências um sentido único, contínuo que acaba por resultar na imagem de um homem realizado – mesmo que não plenamente, graças à sua retidão de caráter, conforme faz questão de sublinhar na passagem supracitada – que sempre lutou pelos seus ideais, não se deixando abater pelas dificuldades, fossem elas financeiras, como as vividas na infância

ou ligadas às escolhas políticas e relações sociais que estabeleceu ao longo da vida. Uma situação fictícia retirada de *Coração de menino* mostra esse diálogo entre temporalidades no sentido de enfatizar a evolução do menino pobre que se torna influente no cenário político e intelectual nacional, a custa de muita luta e muito suor.

Se, nesse dia 1º de julho de 1898, um profeta chamasse o Governador do Estado e mostrasse aquele garoto cabeludo, franzino e pálido, de coçada roupinha de brim e meias caídas sobre os coturnos cambaios, dizendo-lhe: - Aquele menino contribuirá com a sua pena para acabar com a situação política que lhe parece tão sólida e o mantém como Governador; será Secretário de Estado, neste Palácio (...) será Deputado Federal e colega, na Câmara dos Deputados que sobram dos terremotos políticos; de certo S. Exa. Soltaria a mais gostosa gargalhada deste mundo – Quem? Aquele fedelho amarelento sem eira nem beira? Qual, sr. Profeta, vá pregar noutra freguesia!³²

Barroso contava cinquenta anos de idade quando lançou suas memórias. Considerava-se um “velho”, com meio século de experiência, fazia um balanço de sua vida através de uma retrospectiva. Não era mais aquele rapaz de 22 anos cheio de planos para o futuro, conforme relata em *Consulado da China*: “(...) em minha mocidade, (...) tecia, com os fios de ouro da imaginação, os mais lindos cenários da fantasia. Hoje, o que mais me importa é o que já passou (...) Não sonho mais: olho para trás. A mocidade vive no futuro, a maturidade no presente e a velhice no passado”.³³ Nessas palavras há um tom de desilusão em relação ao porvir com o fato de não haver mais sonhos para ele. Parece que seu horizonte de expectativas havia se perdido diante do fracasso de seus projetos, entre os quais o Integralismo no Brasil. O voltar-se para o passado pode ser entendido como a vivência de um luto³⁴ pela perda de um objeto desejado, sendo o passado acionado como forma de substituir o alvo do desejo e ressignificar a realidade que se apresentava para Barroso.

Por outro lado, vendo-se como um homem velho, buscava em sua história ensinamentos morais para compartilhar com seus leitores. Em comentário sobre *Coração de menino*, publicado n’*A Gazeta* em fevereiro de 1940, esse aspecto fica claro:

Este diário, que chegou com os últimos dias de dezembro, é um livro que deve estar em todas as mãos de crianças. (...) Nele não há artifício, nem o disfarce, pois o sr. Gustavo Barroso se despe das qualidades de homem que tem levado a vida a escrever para outros homens, para descer à condição

de criança, com os exemplos de sua vida, como um menino criado sem afeição materna, num ambiente desinteressado, e, muitas vezes, hostil, [que] pôde tornar-se um ser vitorioso, por não ter permitido que as forças do mal o dominassem.³⁵

Ao escrever suas memórias, Barroso silenciava sobre sua vida adulta para deixar falar sua infância, por meio de suas lembranças e, principalmente, de sua saudade. D. Nair de Moraes Carvalho, conservadora do Museu Histórico Nacional e “braço direito” do diretor, falou sobre a saudade que Barroso sentia de seus primeiros anos de vida, quando ainda vivia no Ceará, “de onde nunca deveria ter saído”.³⁶ Seu comentário foi publicado em artigo sobre as comemorações do 70º aniversário do “Dr. Barroso”:

Referiu-se aos 21 anos da sua vida até a primeira mocidade passados no Ceará e aos 49 outros decorridos longe de sua terra natal, mostrando que, no fundo de sua alma, sem que pudesse dar uma explicação plausível, aqueles 21 valiam tanto mais que esses 49 até parece desapareciam, se apagavam estes diante daqueles. É que nos primeiros dominava – afirmou – o amor da terra, das coisas, das cores, das luzes, dos cheiros, dos gostos de tudo o que, desde muito pequenino, fora descobrindo e amalhando como tesouro. Na infância e na adolescência, descobrira e amara a vida, vestindo-a com todos os véus da fantasia. Na mocidade, na maturidade e na velhice, as experiências e as decepções tinham assassinado a fantasia. (...) Daí o arrependimento de ter deixado a terra natal para uma audaciosa aventura que as comemorações do seu aniversário estavam coroando de louros, louros que ele trocaria de bom grado pela inocência feliz de outra na pequena e singela Fortaleza de sua meninice.³⁷

Ana Cristina Audebert Oliveira identifica uma estratégia na escolha de Barroso em relatar apenas os seus primeiros 21 anos de vida:

Ao privilegiar o olhar infantil, um olhar de fantasia e inocência, é como se Barroso escolhesse a lente que deveria ser utilizada para compreendê-lo. Ao subordinar à experiência infantil a ‘audaciosa aventura’ de sua vida adulta, uma vida na qual ‘as experiências e as decepções tinham assassinado a fantasia’, Barroso realiza uma operação que não pode passar despercebida, principalmente quando relacionada à sua escrita memorialística. A experiência infantil que Barroso privilegia ajuda a esconder outra experiência, vivida no que nomeou como *Recolhimento*.³⁸ Ao olhar para dentro de si, buscando ver sua alma, compreendê-la.³⁹

Em entrevista concedida em 1956 – cuja transcrição encontra-se datilografada no Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional – quando contava sessenta e sete anos de idade, Barroso informou que tinha projetos de continuar a escrever suas memórias:

Não sei se tenho propriamente projetos sobre o futuro. Aos 67 anos a gente deve ter mais projetos sobre o passado (...)Tinha a intenção de continuar a série e já esquematizara seu seguimento: ‘O Morro da Graça’, minha vida política na mocidade, em contato com o chefe Pinheiro Machado no seu palacete do morro da Graça; ‘A invasão dos Hicsos’, o que eu vira até a revolução de 1930 e a invasão do Rio de Janeiro pelos povos pastores que amarraram seus cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco; enfim, ‘O Sonho Verde’, minha atuação no Integralismo de 1933 a 1940. Não sei ainda se escreverei esses volumes. Tenho tantas obrigações e trabalhos como colaborador de revistas, diretor do Museu Histórico, professor de História do Brasil, acadêmico, presidente de diversas associações e institutos, e responsável por diversos negócios particulares que não me sobra tempo para ser memorialista. E talvez seja melhor assim. O sertanejo de minha terra aconselha a gente a não remexer em montões de folhas secas, porque pode haver alguma cobra escondida...⁴⁰

Barroso faleceu em dezembro de 1959, acometido de um câncer e não chegou a dar continuidade aos seus projetos memorialistas. Entretanto, conseguiu deixar para a posteridade a forma com que lidava com sua infância no auge dos seus cinquenta anos, o que muito nos revela sobre a forma que esse intelectual se via e se posicionava naquele momento, quando escrevia suas reminiscências.

UM MONUMENTO DE SI EM PÁGINAS: OS ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Instruções para publicação nos Anais do Museu Histórico Nacional:
I – Os trabalhos versarão sobre assuntos técnicos ou históricos, de preferência relativos ao Museu, não se aceitando críticas de livros ou de estudos de pessoas alheias à Casa, nem elogios a qualquer personalidade viva. (...)
V – Não serão publicados os originais que deixarem de satisfazer às exigências supra-mencionadas. 28 de abril de 1955
Gustavo Barroso
Diretor.⁴¹

A publicação dos *Anais do Museu Histórico Nacional* já estava prevista no regulamento do MHN aprovado em 1922, quando de sua fundação. Seguindo a prática de outros grandes museus, como o Museu Paulista e o Museu Nacional, o Museu Histórico pretendia ter uma publicação científica própria.⁴² Entretanto, o primeiro volume, relativo ao ano de 1940, só veio a público em 1942. Os artigos, escritos pelos próprios conservadores⁴³ da Casa, versavam sobre os trabalhos de pesquisa realizados junto aos acervos preservados pela instituição e organizados nas exposições. Os estudos sobre cada objeto que compunha as coleções museológicas, assim como biografias dos “vultos ilustres” e descrições sobre *como* os fatos históricos aconteceram, sempre relacionados aos itens do acervo, eram os temas mais recorrentes nessa publicação.

Embora não fosse permitido tratar de pessoas vivas, o próprio Barroso encontrou espaço nas páginas dos *Anais* para construir um lugar de memória para o Museu e, principalmente, para si próprio. Entre um estudo biográfico e uma descrição heráldica eram publicados artigos que visavam construir uma história institucional e enaltecer os feitos de Barroso como um cultor do passado que merecia mais reconhecimento do que o obtido junto ao Estado e à sociedade. Barroso, efetivamente, parecia preocupado em angariar reconhecimento público pelos seus préstimos à nação, principalmente, como diretor do Museu Histórico Nacional. O quinto volume dos *Anais*, relativo ao ano de 1944, mas publicado em 1948, sob o título “Documentário da ação do Museu Histórico Nacional na defesa do patrimônio tradicional do Brasil”, explicita melhor suas intenções, trazendo nas primeiras linhas a seguinte reivindicação: “Já é tempo do Museu Histórico Nacional documentar, para conhecimento público e perpétua memória da verdade, sua constante e devotada atenção na defesa do patrimônio histórico e artístico do país e no culto de sua tradição.”⁴⁴

A maior parte do volume é dedicada a um dossiê das atividades da Inspeção de Monumentos Nacionais, departamento que funcionou no Museu Histórico Nacional de 1934 a 1937, voltado para a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. Como diretor do Museu, Gustavo Barroso foi nomeado Inspetor de Monumentos e ficou responsável por obras de restauração e conservação do monumentos da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais. Embora o tempo de existência da Inspeção tenha sido curto, 33 monumentos ouropretanos, entre pontes, igrejas e chafarizes, foram restaurados.⁴⁵

A necessidade de colocar em evidência as realizações da Inspeção mais de dez anos após o encerramento de suas atividades justificava-se pelo

fato de o departamento ter sido esquecido depois da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em novembro de 1937, substituindo-a em suas atribuições. O grupo que ficou à frente do Sphan, formado por intelectuais modernistas, partilhava idéias e propostas diferentes das de Barroso. Enquanto os modernistas assumiam uma postura de vanguarda na busca da identidade nacional, a partir da valorização estética do patrimônio histórico e artístico, Barroso fazia parte de uma ala mais conservadora, que se apegava aos vestígios do passado como forma de cultuar os homens ilustres e os grandes feitos da nação. Essa incompatibilidade de olhares e perspectivas sobre os monumentos nacionais levou a uma disputa pela institucionalização da preservação do patrimônio cultural brasileiro, da qual os modernistas, que acabaram por gerir o Sphan, saíram vencedores. Com a consolidação do Sphan, dirigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade, iniciou-se o processo de esquecimento da Inspeção. Esse processo é comentado no referido “Documentário”, como se fosse uma injustiça.

(...) quando a Inspeção de Monumentos Nacionais foi extinta em 1937, último ano em que trabalhou, entregou ao órgão que lhe sucedeu, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a cidade de Ouro Preto inteiramente restaurada nas suas igrejas, capelas, pontes e chafarizes, todos eles jorrando novamente água como nos tempos coloniais. Essa água depois desapareceu da maioria deles, misteriosamente, bem como as placas que assinalavam a autoria das recomposições efetuadas, como por exemplo a ponte dos Contos ou de S. José e a do chafariz do Passo de Antônio Dias.⁴⁶

Já na introdução do “Documentário” aparece a intenção de mostrar que a Inspeção de Monumentos Nacionais teria dado origem ao SPHAN. Essa afirmação, no entanto, não pode ser levada em consideração, uma vez que o órgão criado em 1937 não deu continuidade aos trabalhos da Inspeção, seguindo novas orientações e direcionamentos para as atividades de preservação do patrimônio nacional. Além disso, na apresentação do volume, e em repetidas vezes ao longo do “Documentário” menciona-se a questão da gratuidade dos trabalhos prestados por Gustavo Barroso – mais uma razão pela qual a Inspeção, e principalmetente, Gustavo Barroso não deveriam ser esquecidos.

Da diretoria do Museu partiu a idéia de defender os nossos monumentos nacionais; por ela durante anos seguidos se bateu o seu diretor e, depois de ter criado o órgão encarregado dessa defesa, de 1934 a 1937 o dirigiu gratuitamente, não recebendo dos cofres públicos nem sequer passagens

para ir fiscalizar em Minas Gerais as obras a seu cargo. Esse órgão, intitulado Inspetoria dos Monumentos Nacionais, teve no decurso de sua trabalhosa existência a verba total de 200 mil cruzeiros (...). Foi essa Inspetoria de Monumentos Nacionais que o Ministro Gustavo Capanema transformou em Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ampliando seus quadros e atribuições.⁴⁷

Para comprovar que a idéia de preservação do patrimônio nacional realmente havia partido de Gustavo Barroso, foram transcritos três artigos de sua autoria, publicados no jornal *Correio da Manhã* em 1928: “As igrejas de Minas e a Sé Velha da Bahia”, “A cidade sagrada” e “A Casa de Marília”. Os artigos que versam sobre o mesmo tema, escritos anteriormente por outros intelectuais – como Alceu Amoroso Lima, que, em 1916, publicou “Pelo passado nacional”, na *Revista do Brasil*⁴⁸ – foram ignorados, no sentido de conferir pioneirismo às iniciativas de Barroso. Aliás, era prática comum nos *Anais* a reprodução dos artigos que Barroso publicou na Imprensa para lhe conferir autoria de idéias, como a de criação de um museu de história nacional. A marca de enunciação, “eu vi, eu ouvi”, nesse sentido, está ausente, mas subsiste no vestígio⁴⁹, que atesta a veracidade do que está sendo narrado, conforme discurso do narrador que analisa o documento: “Vê-se bem por esses artigos que, num momento em que ninguém se lembrava de proteger a tradição monumental brasileira, isso era uma preocupação constante do Diretor do Museu Histórico Nacional.”⁵⁰ Essas foram as palavras publicadas após a transcrição dos artigos sobre preservação de monumentos, escritos por Barroso e publicados no *Correio da Manhã*.

Nessa perspectiva, o dossiê traça a trajetória de Gustavo Barroso na política de preservação do Patrimônio Nacional. Relata a experiência do diretor do Museu Histórico Nacional como Inspetor de monumentos, contratado pelo Governo do Estado de Minas Gerais entre 1928 e 1930, período em que fiscalizou restaurações em Ouro Preto; publica as correspondências relativas aos trabalhos de restauração, trocadas entre Barroso e as autoridades de Ouro Preto, tanto como Inspetor contratado pelo Presidente Antonio Carlos – Governador de Minas Gerais na época – quanto como responsável pela Inspetoria de Monumentos Nacionais. Publica ainda todos os orçamentos e relatórios elaborados por Epaminondas de Macedo, Engenheiro responsável pelas atividades da Inspetoria.

Ao final do dossiê sobre a Inspetoria há um comentário sobre o *Guia de Ouro Preto*, publicação do Sphan, de autoria de Manuel Bandeira, lançado em 1938. Ele é dirigido às notícias, publicadas no *Guia*, sobre os 33 monumentos de Ouro Preto restaurados pela Inspetoria. Com relação à

Igreja de Nossa Senhora da Piedade, por exemplo, o *Guia* diz: “em 1937, a Inspetoria de Monumentos Nacionais executou obras de conservação, as quais foram dirigidas pelo Engenheiro Epaminondas de Macedo”¹⁵. Mas o referido comentário afirma que a informação estaria incompleta por não citar o nome de Gustavo Barroso como responsável pelas restaurações:

Essas notícias apesar de incompletas e de atribuírem somente ao Engenheiro Epaminondas de Macedo [a responsabilidade pelas obras de restauração dos monumentos de Ouro Preto], sem nenhuma referência a quem de fato planejara e dirigira as obras, confirmam o vulto dos trabalhos realizados pela Inspetoria de Monumentos, dirigida pelo Dr. Gustavo Barroso e fruto unicamente dos seus esforços pessoais, o que esta exaustiva documentação comprova de modo cabal e definitivo.⁵¹

O quinto volume dos *Anais* traz ainda outras realizações de Gustavo Barroso dentro e fora do Museu Histórico Nacional. Entre as atividades que mereceram destaque estão a autoria dos projetos de criação do Museu Imperial de Petrópolis e do Museu da Aeronáutica; projetos de criação de uma Ordem do Mérito Civil e de instituição do uniforme militar do 1º Regimento de Cavalaria do Exército, denominado “Dragões da Independência” – em 1916, quando exercia o mandato de Deputado Federal –, além de calendário patriótico, de estandarte e de símbolos para a juventude brasileira.

Sem dúvida, esse volume é inteiramente dedicado à memória das “louváveis iniciativas” do diretor do Museu Histórico Nacional, marcando um esforço de enaltecimento de suas realizações. Entretanto, não foi o único. É possível encontrar artigos com essas características em outros volumes da publicação oficial do MHN.⁵² Nessa perspectiva, não se trata de oferecer uma lição de moral ou relatar fielmente uma realidade distante, os *Anais* constituem-se em um monumento a Gustavo Barroso para livrá-lo do esquecimento e garantir-lhe reconhecimento pelas suas ações.

A VIDA EM NOTÍCIAS.

Na biblioteca do Museu Histórico Nacional encontra-se uma coleção de cem cadernos com recortes de jornais colados em suas páginas. Trata-se de um arquivamento de sua vida⁵³ que Gustavo Barroso realizou, abarcando o período de 1907, quando iniciou sua carreira jornalística, ainda em Fortaleza, até 1959, ano de seu falecimento. O arquivo se estendeu até

1973, graças ao trabalho de Nair de Moraes Carvalho que continuou recolhendo e guardando tudo de e sobre Barroso que saía na imprensa.

Os álbuns são organizados em ordem cronológica e, em muitos deles, há numeração das páginas, num esforço de construir uma narrativa dos acontecimentos a partir do estabelecimento de uma seqüência das notícias selecionadas. Acima de cada recorte Barroso escreveu a mão o nome do jornal que o publicou, a cidade e a data da publicação. Há indícios de que Barroso iniciou a organização de seu arquivo em finais da década de cinqüenta, pois, entre as páginas dos cadernos foram encontrados vários fragmentos de uma agenda de 1957, onde o autor escreveu o que deveria buscar para inserir em sua hemeroteca: “Copiar ‘As festas do Diário do Estado’ em homenagem ao dr. G. Barroso”.⁵⁴ Certamente, tratava-se de uma reportagem a ser colhida para sua coleção.

Colecionar recortes parecia ser uma prática comum entre os homens letrados, como é possível inferir a partir do relato de Pedro Nava em seu *Baú de ossos*:

Tudo isto intimidade que está comprovada na curiosa coleção de recortes e de retratos de meu Pai – uma daquelas miscelâneas bem do seu tempo e das quais possuo a sua, a de minha mãe, as de meu tio Antonio Salles. Curiosos repositórios para estudo de uma personalidade, onde ainda surpreendo, por parte de meu Pai...⁵⁵

Ao colecionar fragmentos de periódicos, Barroso parecia recolher-se ao seu passado de forma solitária, uma vez que seus cadernos não eram compartilhados com seus leitores, como suas memórias de infância. Pode-se dizer que se trata de um arquivo pessoal sobre a vida pública, onde se buscou reunir absolutamente tudo, fosse positivo ou negativo, que a imprensa publicou de sua autoria e sobre sua vida nas letras e na política. Não há comentários escritos sobre o que estava sendo guardado, era como se os recortes pudessem falar por si sobre uma trajetória individual. Teria ele a intenção de deixar um arquivo completo de si para ser consultado após a sua morte, talvez com vistas a escrita de uma biografia? Ou estaria passando o tempo organizando e revivendo um pretérito em manchetes? Acredito que entre seus objetivos estavam as duas possibilidades, que merecem ser mais aprofundadas em outra oportunidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Harold Weinrich⁵⁶, em seu estudo sobre o esquecimento, analisa como essa parte constitutiva da memória se apresenta nas obras de diversos autores da literatura mundial. Ao interpretar a *Divina Comédia* de Dante Alighieri, Weinrich identifica a escuridão do inferno dantesco com o esquecimento. Nessa perspectiva, o esquecimento é visto como castigo dado aos mortos que, em vida tinham se esquecido de Deus. Assim, os mortos pecadores suplicam aos vivos que se lembrem deles e as lembranças cheguem a Deus em forma de oração, e que assim, Deus se compadeça diminuindo o sofrimento daqueles que se encontram nas sombras do esquecimento.

Para Gustavo Barroso, o esquecimento também parecia um castigo e, certamente, foi contra o esquecimento que produziu sua escrita de si em diferentes suportes. Entretanto, a imagem de si que construiu nas narrativas autobiográficas aqui analisadas é a da criança que se tornou um jovem exemplar, a do patriótico que trabalhou para o bem de sua nação “sem cobrar nada em troca” e a do homem público e atuante na pena e na política. Apesar dessas construções, Barroso é mais lembrado por aquilo que tentou silenciar: sua atuação no integralismo.

NOTAS

- 1 SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras. 1997, p. 209.
- 2 LEJEUNE, Philippe, Le Pacte autobiographique. apud ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 4, n. 7, 1991. p. 66-81. p. 10. [Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando coloca a tônica sobre a sua vida individual, em especial sobre a história da sua personalidade]
- 3 LEJEUNE, Philippe. Pour l'autobiographie. *Magazine Littéraire*, Paris, [s.n], n. 404, mai. 2002, p. 20.
- 4 GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 11.
- 5 Ibidem., p.11.
- 6 LEJEUNE, Philippe. Pour l'autobiographie. op.cit., p. 21.
- 7 Sobre o individualismo nas sociedades modernas Cf. DUMONT, Louis. *Essais sur l'individualisme: une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne*. Paris: Seuil. 1983.; SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 3. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1976; DUARTE, Luiz Fernando. O culto do eu no templo da razão. *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, n. 41, p. 28-54, 1983. (Série Antropologia).

- 8 <<http://www.museudapessoa.com.br/>> Acessado em 18/09/2007.
- 9 Foi advogado, professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta, romancista e museólogo. Eleger-se Deputado Federal pelo Ceará exercendo mandato de 1915 a 1918. Foi um dos líderes da Ação Integralista Brasileira e um dos seus mais destacados ideólogos. Eleito em 8 de março de 1923 para a Cadeira n. 19, na sucessão de D. Silvério Gomes Pimenta. Autor de cento e vinte oito livros.
- 10 LACERDA, Lilian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.) *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 85
- 11 BARROSO, Gustavo. Aos doze anos. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 23 out.1910. (Coleção Gustavo Barroso, hemeroteca, caderno GB1, nov.1907 a nov. 1910. Biblioteca, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro).
- 12 Ibidem. [grifo meu]
- 13 BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, v. 1,1987, p. 200.
- 14 D'ALÉSIO, Márcia Mansor. Memória: leitura de M. Halbwachs e P. Nora. apud. LACERDA, Lilian Maria de. Lendo vidas... op. cit. p. 97-98.
- 15 Cf. ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2 ed. Recife: FJN, 2001. p. 65-182.
- 16 Esses são os capítulos da obra de Barroso. BARROSO, Gustavo. *Terra de sol*. Rio de Janeiro: Benjamin de Aguiar, 1912.
- 17 CUNHA, Euclides. *Os sertões*. Campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902.
- 18 Um dos principais pseudônimos de Gustavo Barroso.
- 19 MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. *No Norte da saudade: esquecimento e memória em Gustavo Barroso*.2006. 292 f. Tese (Doutorado em História) – PUC-SP, São Paulo, 2006, p. 11. Mimeografado.
- 20 A marca de enunciação constitui uma “intervenção do narrador em sua narrativa para provar algo”. “Eu vi”, “Eu ouvi”, “eu vivi” são algumas das marcas de enunciação que legitimam uma narrativa como verdadeira. Sobre o assunto, Cf. HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p 273-314.
- 21 BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol*. Op.cit., p. 273. [grifo meu]
- 22 VERÍSSIMO, José. Terra de sol. *O Imparcial*. 23 out. 1913. (Coleção Gustavo Barroso, hemeroteca, caderno GB4, out.1913 a set. 1915. Biblioteca, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro). [grifo meu]
- 23 CORREIO DA MANHÃ, 01 mai. 1915. (Coleção Gustavo Barroso, hemeroteca, caderno GB4, out.1913 a set. 1915. Biblioteca, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro).
- 24 BARROSO, Gustavo. *Coração de menino*. 3 ed. Fortaleza: Casa José de Alencar, 2000.
- 25 GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. op. cit. p. 13-14
- 26 LACERDA, Lilian Maria de. Lendo vidas... op.cit., p. 88
- 27 GRAÇA ARANHA, José Pereira da. *O meu próprio romance*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1931.
- 28 MENESES, Rodrigo Otávio Langgaard. s/l, s/ed. 1934. Obra dividida em três volumes, escrita entre 1934-36.
- 29 VERAS, Humberto de Campos. *Memórias (1886-1900)*. Rio de Janeiro: Ed. Marisa, 1933.

- 30 BARROSO, Gustavo. *Coração de menino*. op. cit., p. 141.
- 31 BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.
- 32 BARROSO, Gustavo. *Coração de menino*. op. cit., p. 140.
- 33 BARROSO, Gustavo. *O Consulado da China*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 2000. p. 47.
- 34 FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: _____. *Artigos sobre Metapsicologia*. Rio de Janeiro: Imago. 2004., p. 89-104.
- 35 A.C. Coração de menino: memórias de Gustavo Barroso. *A Gazeta*. 16 fev.1940. (Coleção Gustavo Barroso, hemeroteca, caderno GB26, out.1939 a mai. 1942. Biblioteca, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro).
- 36 Entrevista com Gustavo Barroso, 1956 (Coleção Gustavo Barroso, série I documentos pessoais, GBbg91. Arquivo Histórico, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro).
- 37 CARVALHO, Nair de Moraes. As Comemorações do Setuagésimo Aniversário do Fundador do MHN. *Anais do Museu Histórico Nacional*. v. 10, 1959., p. 290.
- 38 Título de um poema escrito por Gustavo Barroso, Cf. BARROSO, Gustavo. *As sete vozes do espírito* (poesias). [s.l:s.n], 1956.
- 39 OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert. *O conservadorismo a serviço da memória: tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso*. 2003. 119 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – PUC-RJ. , 2004;. p. 16. [grifo da autora]
- 40 Entrevista com Gustavo Barroso, 1956 (Coleção Gustavo Barroso, série I documentos pessoais, GBbg91)
- 41 BARROSO, Gustavo. Instruções para publicação nos Anais do Museu Histórico Nacional. apud. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 29, 1997, p. 289. [grifo nosso]
- 42 BITTENCOURT, José Neves. Um museu em tinta e papel: os Anais do Museu Histórico Nacional, 1940-1995. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v.36, p181-202, 2004.
- 43 Conservadores eram os funcionários do museu que trabalhavam diretamente com os acervos preservados na instituição, conservando-os, pesquisando-os e organizando-os em exposições.
- 44 BRASIL. MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Documentário da ação do Museu Histórico Nacional na defesa do patrimônio tradicional do Brasil. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 5, 1948., p. 5.
- 45 Cf. MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Colecionando relíquias... Um estudo sobre a Inspeção de Monumentos Nacionais (1934-1937)*. 2004. 153f. Dissertação (Mestrado em História Social) – UFRJ, 2004.
- 46 Ibidem. p. 126.
- 47 Ibidem. p. 05. [grifo do autor]
- 48 LIMA, Alceu de Amoroso. Pelo passado nacional.. *Revista do Brasil*, Ano 1, v. 3. Rio de Janeiro, 1916.
- 49 HARTOG, François. *O espelho de Heródoto... op. cit. p. 279.*
- 50 BRASIL. MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Documentário... op. cit. p. 17.
- 51 Ibidem. p. 169.
- 52 Cf. BARROSO, Gustavo. A defesa do nosso passado. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v 4, 1943 e _____. A força de Tiradentes. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 2, 1941.
- 53 ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, 1998, p. 35-42. <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/234.pdf>>. Acesso em 22 out 2007.

- ⁵⁴ Coleção Gustavo Barroso, hemeroteca, caderno GB05, out.1915 a ago. 1916. Biblioteca, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.
- ⁵⁵ NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 99.
- ⁵⁶ WEINRICH, Harald. *Lete*. Arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.